

ARTIGO ORIGINAL**HÁBITOS DE USO E PERCEPÇÃO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS POR PESSOAS IDOSAS****USAGE HABITS AND PERCEPTION OF MOBILE DEVICES AMONG OLDER ADULTS****Fernanda Nelli Gomes Giuliani¹****Jackeline Barbosa Matarazo⁴**

¹Doutorado em Gerontologia pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília. Curso de Fisioterapia do Centro de Ensino Universitário de Brasília (CEUB)

²Mestrado em Engenharia Biomédica pela Faculdade de Ciências e Tecnologia em Engenharia da Universidade de Brasília. Curso de Fisioterapia do Centro de Ensino Universitário de Brasília (CEUB)

³Curso de Fisioterapia do Centro de Ensino Universitário de Brasília (CEUB).

⁴Doutorado em Gerontologia pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília

⁵Mestranda em Gerontologia pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília.

⁶Doutorado em Investigação Biomédica FMRP-USP. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília

Rafaella Carvalho Silva²**Camila Pereira Casaes⁵****Arthur Saldanha Trajano Mello³****Karla Helena Coelho Vilaça e Silva⁶****Resumo**

Considerando o contexto do envelhecimento populacional e a utilização das tecnologias digitais, o objetivo deste estudo foi analisar os hábitos de uso e percepção de dispositivos móveis por pessoas idosas do Distrito Federal. Trata-se de um estudo transversal descritivo de abordagem quantitativa. A amostra foi composta por 80 participantes, com média de idade de $67 \pm 5,56$ anos. Em relação ao nível instrucional, os participantes apresentaram média de $13,3 \pm 7,89$ anos de escolaridade. A maioria dos participantes tinha acesso tecnológico (96,25%), e 92,5% reconheceram a importância dos dispositivos no seu cotidiano. Ainda assim, 52,5% relataram que as múltiplas funções do equipamento dificultam o uso. Os aplicativos mais utilizados foram o WhatsApp® (83,75%) e o YouTube® (78,75%). Embora utilizem tecnologia para socialização e serviços bancários, enfrentam barreiras de usabilidade e sobrecarga cognitiva, evidenciando que o nível de instrução não elimina dificuldades de design. Apesar de medos e limitações técnicas, a amostra demonstra persistência devido ao valor social e à autonomia proporcionada pelo meio digital. Conclui-se que a inclusão plena exige design mais inclusivo e letramento digital contínuo, garantindo que o acesso se transforme em domínio seguro e independente das ferramentas tecnológicas.

PALAVRAS-CHAVE

Envelhecimento Populacional. Gerontologia. Dispositivos Móveis. Tecnologia. Autonomia Digital. Pessoa Idosa.

Abstract

Considering the context of population aging and the use of digital technologies, the objective of this study was to analyze the usage habits and perception of mobile devices by older adults in the Federal District. This is a descriptive cross-sectional study with a quantitative approach. The sample consisted of 80 participants, with a mean age of 67 ± 5.56 years. Regarding instructional level, participants had a mean of 13.3 ± 7.89 years of schooling. The majority of participants had technological access (96.25%), and 92.5% recognized the importance of devices in their daily lives. About half of the participants (52.5%) reported that the multiple functions of the equipment make usage difficult. The most used applications were WhatsApp® (83.75%) and YouTube® (78.75%). Although they use technology for socialization and banking services, they face usability barriers and cognitive overload, highlighting that the level of education does not eliminate design difficulties. Despite fears and technical limitations, the sample demonstrates persistence due to the social value and autonomy provided by the digital environment. It is concluded that full inclusion

requires more inclusive design and continuous digital literacy, ensuring that access transforms into secure and independent mastery of technological tools.

KEYWORDS

Population Aging. Gerontology. Mobile Devices. Technology. Digital Autonomy. Older Adult.

1 Introdução

O cenário global revela um processo de envelhecimento populacional em ritmo mais acelerado do que em anos anteriores, superando as transições demográficas do passado. Esse fenômeno consolidou-se em 2020, quando o número de indivíduos com 60 anos ou mais ultrapassou o de crianças menores de cinco anos. Projeta-se que até 2050 a proporção mundial de pessoas idosas passará de 12% para 22% (World Health Organization, 2025).

Nesse contexto, as tecnologias digitais são apresentadas como ferramentas fundamentais para manter e melhorar a capacidade funcional dessa população (Organização Pan-Americana de Saúde, 2023). A União Internacional de Telecomunicações (UIT) ou International Telecommunication Union (ITU), vem impulsionando a integração da tecnologia digital nas áreas de saúde e gerontologia, expandindo o uso de ferramentas digitais voltadas às demandas de saúde das pessoas idosas, visando facilitar a vida diária e a integração na comunidade, combatendo dessa forma o isolamento social e maior comunicação com familiares e redes de apoio (Organização Pan-Americana de Saúde 2023; International Telecommunication Union, 2026). Cabe ressaltar que as plataformas WhatsApp, Instagram, Facebook e Youtube são muito utilizadas por essa população (Borges et al. 2025; Ho, Merchant, 2022).

Entretanto, a eficácia dessas ferramentas no cotidiano da pessoa idosa não é uniforme, sendo mediada por determinantes sociais, como o nível educacional e a renda. De modo geral pessoas idosas com maior renda e mais anos de escolaridade tendem a apresentar maior facilidade para utilização de recursos relacionados à internet (Hunsaker; Hargittai, 2018; Li et al., 2023), ainda assim, um alto nível educacional não garante proficiência tecnológica (Rapson et al., 2026). Este cenário impõe a necessidade de investigar não apenas o acesso, mas o letramento digital que consiste na capacidade do indivíduo de saber usar, bem como gerenciar, avaliar e compreender a tecnologia (ITEEA, 2026). De acordo com Bevilacqua et al. (2021), a promoção da capacidade funcional por meio da tecnologia deve incluir o domínio sobre a usabilidade, a participação ativa no processo de design e a consciência das limitações tecnológicas, evitando o sentimento de exclusão e construindo expectativas realistas sobre as ferramentas digitais. Apesar dos desafios, existe um reconhecimento por parte da pessoa idosa sobre a importância desses dispositivos na vida cotidiana. Portanto, justifica-se investigar grupos com diferentes perfis socioeducacionais para compreender como o letramento digital se manifesta em contextos de maior suporte cognitivo e financeiro, servindo de parâmetro para políticas de inclusão, e entender como transpor barreiras para promover a saúde e a autonomia. Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi analisar os hábitos de uso e percepção de dispositivos móveis por pessoas idosas do Distrito Federal- DF, discutindo as implicações desses fatores para a autonomia e a inclusão digital dessa população.

2 Método

Trata-se de um estudo transversal descritivo de abordagem quantitativa. O presente estudo faz parte da pesquisa “Tecnologia como meio de intervenção para a prática de exercício físico: ensaio clínico randomizado com idosos da comunidade” e contou com auxílio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF), nº Processo 00193.00000178/2019-12, do EDITAL 03/2018. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica de Brasília: número CAAE 50279821.3.0000.0029. Número do Parecer: 4.922.410. Os voluntários receberam informações detalhadas a respeito dos objetivos e procedimentos do trabalho e participaram do estudo após ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O estudo foi realizado com homens e mulheres com idade maior ou igual a 60 anos, residentes na comunidade do Distrito Federal e região do entorno, que tivessem a função cognitiva preservada, pelo Miniexame do Estado Mental (MEEM) com os seguintes pontos de corte: 17 para analfabetos, 22 para 1 a 4 anos de escolaridade, 24 para 5 a 8 anos de escolaridade e 26 para > 9 anos de escolaridade (Brucki et al., 2003; Neri, 2013). O recrutamento dos participantes ocorreu por meio de divulgação em plataformas digitais (jornais e site da universidade), em páginas de redes sociais (Instagram) e em panfletos físicos distribuídos em diversas regiões do Distrito Federal pelos pesquisadores envolvidos. A coleta dos dados foi feita presencialmente na Universidade Católica de Brasília.

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semiestruturado elaborado pelos autores, composto por 7 questões organizadas em três blocos: perfil sociodemográfico, hábitos de uso e percepção tecnológica (Apêndice A). A construção do instrumento baseou-se nos domínios do modelo de Momani (2020): Unified Theory of Acceptance and Use of Technology. Adicionalmente, o questionário passou por uma validação de conteúdo, sendo revisado por dois pesquisadores especialistas na área antes de sua aplicação definitiva. Para a caracterização da amostra, foram coletadas informações sobre: idade, sexo, etnia, estado civil, nível de escolaridade, ocupação (trabalho ou aposentadoria/pensão) e renda.

A análise estatística foi realizada com o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS - IBM Corporation, NY), versão 20. Inicialmente, procedeu-se à análise descritiva dos dados. Variáveis categóricas foram apresentadas em frequências absolutas e relativas, enquanto variáveis contínuas foram descritas por meio de média e desvio-padrão ou mediana, conforme a distribuição dos dados. Inicialmente a normalidade das variáveis foi avaliada por meio do teste de Shapiro-Wilk e considerando a predominância das distribuições, foram utilizados testes não-paramétricos para as análises. Para verificar possíveis associações entre as características sociodemográficas da amostra e perfil de uso dos dispositivos (número de aplicativos e funções utilizadas, tempo de uso, percepções positivas e negativas quanto ao seu uso), realizou-se o teste qui-quadrado de Pearson e o cálculo do coeficiente V de Cramer para mensuração da magnitude da associação. Em todas as análises, adotou-se um nível de significância de 5%.

3 Resultados e Discussão

A amostra foi composta por 80 participantes, com média de idade de $67 \pm 5,56$ anos. Em relação ao nível instrucional, os participantes apresentaram média de $13,3 \pm 7,89$ anos de escolaridade. Os dados evidenciam um nível de escolaridade acima da média do perfil da maioria da população brasileira. O Distrito Federal apresenta uma das menores taxas de analfabetismo entre pessoas idosas do Brasil, e 26,4% desta população tem diploma de ensino superior (Companhia de Planejamento do Distrito Federal; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). Os resultados indicaram a ausência de associações estatisticamente significativas entre o perfil sociodemográfico e os hábitos de uso de celulares e tablets ($p > 0,05$) sugerindo que, nesta amostra, o comportamento tecnológico e a percepção sobre o uso dos dispositivos ocorreram de forma similar entre os participantes do estudo.

Quanto ao acesso tecnológico, a maioria dos participantes ($n = 77$; 96,25%) relatou possuir dispositivos móveis (celular ou tablet), enquanto apenas 3 indivíduos (3,75%) afirmaram não possuir tais equipamentos. A

caracterização completa dos participantes encontra-se descrita na tabela 1. Os participantes constituíram uma amostra homogênea em termos de sexo, idade e uso de equipamento tecnológico, favorecendo a comparação dos resultados.

Dos que relataram possuir celular ou tablet, todos declararam possuir acesso à internet e confirmaram o uso efetivo dos dispositivos nos últimos três meses. Em relação às modalidades de conexão, verificou-se que 78 (97,5%) participantes utilizam rede Wi-Fi e 72 (90,0%) usavam pacotes de dados móveis. Entre os usuários de tecnologias móveis, observou-se uma média de uso de nove atividades ($\pm 3,5$) por aplicativos ou serviços do próprio aparelho.

Tabela 1 | Características da Amostra.

Coluna 1	N	%
Sexo		
Feminino	63	78,8
Masculino	17	21,3
Raça/Etnia		
Branca	29	36,3
Mulata/Parda/Cabocla	38	47,5
Preta	6	7,5
Indígena	2	2,5
Amarela/Oriental	5	6,3
Estado civil		
Solteiro	12	15
Casado	45	56,3
Viúvo	11	13,8
Divorciado	12	15
Escolaridade		
Sem escolaridade	1	1,3
Ensino fundamental incompleto	8	10
Ensino fundamental completo	5	6,3
Ensino médio incompleto	2	2,5
Ensino médio completo	31	38,8
Ensino superior incompleto	2	2,5
Ensino superior completo	23	28,8
Mestrado ou Doutorado	7	8,8
Trabalha atualmente		
Sim	16	20
Não	64	80
Aposentado/Pensionista		
Sim	61	76,3
Não	19	23,8

Renda (salário mínimo)

<1	8	10
1 a 3	31	38,8
> 3	41	51,3

Possui celular/Tablet

Sim	77	96,3
Não	3	3,8

Fonte: Autoria própria.

Em relação às percepções sobre o uso das tecnologias (Tabela 2), a maioria dos participantes reconheceu a importância dos dispositivos para a sua vida cotidiana (92,5%). Entre as barreiras identificadas, destacam-se a percepção de que os aparelhos eletrônicos não são desenvolvidos pensando no público idoso e que o excesso de funções em um único aparelho dificulta o manuseio (52,5%). Menores frequências foram observadas em relação a questões sobre o medo de utilização dos dispositivos (33,8%) e falta de motivação para o aprendizado e uso tecnológico (15%).

A maioria dos participantes relatou possuir e fazer uso de dispositivos móveis (celular ou tablet), e embora os participantes apresentem alta escolaridade e utilizem as tecnologias para fins de interação social, os desafios de usabilidade relatados sugerem que a inclusão plena ainda depende de uma melhor adequação do design às limitações percebidas pelos usuários. Ou seja, o nível de escolaridade não elimina as barreiras de usabilidade. Ainda que 92,5% dos usuários reconheçam a importância dos dispositivos para a sua vida cotidiana, mais da metade (52,5%) relatou que as múltiplas funções do equipamento dificultam o uso, podendo indicar uma sobrecarga cognitiva pela complexidade da interface. O design não inclusivo também é um fator importante, relatado por 63,8% dos participantes, e 47% relataram ter dificuldade de aprender a utilizar novas funções no celular. Esses achados corroboram com Rapson et al. (2026) que apontam que pessoas idosas com alta escolaridade e renda enfrentam barreiras de usabilidade ao lidar com ferramentas complexas, sugerindo que o problema reside mais no design da interface do que na capacidade intelectual do usuário. Os mesmos autores também apontam algumas barreiras físicas e sensoriais como tamanho de fonte, contraste e sensibilidade ao toque em dispositivos móveis.

Oliveira et al. (2023) abordam a falta de domínio e de conhecimentos sobre a funcionalidade, são barreiras a serem superadas. Apontam a insegurança, o medo, a ansiedade e a vergonha como barreiras. De acordo com Bernardo (2022), o preconceito etário em relação às pessoas idosas gera uma ansiedade gerontecnológica e baixa percepção da autoeficácia, levando a conflitos intergeracionais e abandono das tecnologias. Ainda assim, a maioria da nossa amostra não apresentou essas dificuldades.

Apenas 15% relataram falta de motivação e 33,8% medo em usar o dispositivo. Esses dados podem sugerir uma mudança geracional, ou seja, o medo da tecnologia está diminuindo. Podemos inferir que o perfil das pessoas idosas, especialmente aqueles entre 60-70 anos, entendem que a tecnologia é um caminho crescente e que contribui para a autonomia (para uso de apps de bancos, serviços públicos, contato familiar). Cabe considerar que nossa amostra foi constituída por indivíduos com média de idades de 67 anos. Essas pessoas estavam no mercado de trabalho há 10-15 anos e viveram um período de transição digital, não fizeram uso da tecnologia de forma tardia.

Tabela 2 | Descrição de Barreira e Facilitadores.

Perfil de uso	N	%
1. Tenho medo de utilizar qualquer dispositivo que seja informatizado	27	33,8
2. Um único aparelho tem muitas funções diferentes e isto dificulta o meu uso	42	52,5
3. Penso que alguns aparelhos eletrônicos não são desenvolvidos pensando no público idoso	51	63,8
4. O idioma dos aparelhos e dos manuais dificulta o meu entendimento.	31	38,8
5. Deixo de usar aparelhos eletrônicos por considerá-los complicados e difíceis de serem usados.	26	32,5
6. Tenho dificuldade de aprender a utilizar novas funções no celular.	38	47,5
7. Reconheço a importância destes aparelhos para a minha vida cotidiana	74	92,5
8. Não tenho motivação em aprender e usar estes aparelhos no meu cotidiano	12	15
9. Considero os aparelhos eletrônicos difíceis e complicados de serem utilizados	36	45

Fonte: Autoria própria.

As funcionalidades mais relatadas foram o serviço de mensagens (n=68, 85%) e câmera fotográfica (n=61, 76,25%) do aparelho. Entre os aplicativos, os mais utilizados foram WhatsApp (n=67, 83,75%) e a plataforma YouTube (n=63, 78,75%). Em relação ao uso de outros serviços/funções em ordem decrescente: Facebook (n=49, 61,25%); aplicativos de banco (n=47, 58,75%); e-mail (n=46, 57,5%); uso para leitura (n=36, 45%); agenda/calendário (n=34, 42,5%); aplicativos de jogos (n=30, 37,5%), Instagram (n=20, 25%); apps de streaming e entretenimento (n=12, 15%).

Apesar de 45% acharem os aparelhos difíceis, apenas 32,5% deixam de usar por esse motivo. Houve uma persistência por quase 13% dos participantes evidenciando que, embora considerem o manuseio complexo, permanecem tentando utilizá-lo. Isso reforça o valor social do dispositivo, ou seja, o benefício de estar no WhatsApp, no Facebook ou no YouTube, supera o desconforto da dificuldade técnica. Essa socialização pode trazer um impacto positivo na vida da pessoa. Para Borges et al. (2025) o manuseio de dispositivos tecnológicos impacta positivamente o aspecto emocional da pessoa idosa. A adaptação a esses aplicativos, favorecem a comunicação com familiares mais jovens, fortalecendo a quantidade e a qualidade da troca intergeracional (Chen, Schulz, 2016).

Um achado de relevância particular, foi a utilização de aplicativos de banco por mais da metade dos participantes (58,75%). Enquanto o WhatsApp, voltado ao lazer e à comunicação, o uso de banking envolve risco, segurança e cognição complexa. A afirmação de 47,5% dos participantes “tenho dificuldade de aprender a utilizar novas funções no celular”, contrapõe-se ao uso de aplicativos mais complexos. Essa ambivalência sugere que a pessoa idosa instruída pode usar o banco impulsionada mais por necessidade do que pela facilidade do uso, visto que a interface ainda é percebida como complexa. Nesse cenário, cabe questionar se houve suporte familiar como mediador dessa tarefa. A manutenção da autonomia financeira no envelhecimento reforça a necessidade do letramento digital. Segundo Cachioni et al. (2020), programas de alfabetização tecnológica devem evoluir em paralelo ao avanço das informações digitais, sob a perspectiva da aprendizagem ao longo da vida, garantindo que a pessoa idosa não apenas acesse o sistema, mas domine sua usabilidade com segurança e independência. Ademais, Rapson et al. (2026) sugerem a inclusão ativa de pessoas idosas no processo de design das ferramentas e propõe que o treinamento devem ir além do manual de instruções, focando na autoeficácia. O objetivo final da tecnologia deve ser promover a independência e a integração na comunidade, combatendo o isolamento social.

A análise situada no Distrito Federal, região com índices de desenvolvimento humano singulares, permitiu explorar a percepção de pessoas idosas sobre a tecnologia em um cenário de transição digital avançada. Compreender o letramento digital nesse contexto urbano específico, contribui para o design de intervenções e políticas de inclusão mais assertivas para este perfil populacional. Todavia, é necessária cautela ao generalizar esses achados para a realidade nacional, dada a especificidade socioeconômica da amostra.

Dentre as limitações do presente estudo, pode-se destacar o tamanho da amostra, que pode restringir o poder estatístico das análises e a uniformidade da amostra que pode ter mascarado disparidades sociodemográficas no uso da tecnologia e que poderiam ser observadas em populações idosas mais heterogêneas. Apesar das limitações, este estudo fornece dados importantes sobre um perfil de pessoas idosas inseridas na comunidade digital, servindo de suporte para novas investigações sobre letramento digital, tendo em vista que a inclusão digital não termina com a posse do aparelho; ela esbarra na usabilidade. Pesquisas futuras com amostras maiores e perfis sociodemográficos mais diversificados podem auxiliar nessa compreensão.

4 Conclusões

Embora a multifuncionalidade dos aparelhos ainda crie barreiras de usabilidade, o valor social e a necessidade prática motivam pessoas idosas a persistirem no uso. A tecnologia vai além do entretenimento, configurando-se como um instrumento de cidadania. O acesso à informação e a manutenção de redes de apoio via plataformas digitais são fundamentais para que a pessoa idosa exerça seu papel social de forma ativa. Portanto, a inclusão digital plena e o fortalecimento da autonomia dependem não apenas do acesso ao dispositivo, mas de um design inclusivo e de estratégias de letramento digital contínuo. Tais estratégias devem priorizar a autonomia e a cidadania digital, acompanhado de segurança e participação social independentemente do nível de instrução formal do usuário.

Agradecimentos

Agradecimento à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) pelo apoio financeiro concedido a este estudo (Processo nº 00193.00000178/2019-12).

Referências

- BERNARDO, L. D. As pessoas idosas e as novas tecnologias: desafios para a construção de soluções que promovam a inclusão digital. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562022025.230142>.pt. Acesso em: 12 abr. 2026.
- BEVILACQUA, R. et al. Health literacy: from theory to clinical application for digital health improvement: results from the ACCESS training experience. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Switzerland, v. 18, n. 22, p. 11800, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34831555/>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- BORGES, F. L. R. et al. Elaboração de uma cartilha de orientação sobre o uso de smartphones pelos idosos. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/7230/5148>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- BRUCKI, S. M. D. et al. Sugestões para o uso do mini-exame do estado mental no Brasil. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, [S. l.], v. 61, n. 3, p. 777-781, set. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2003000500014>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- CACHIONI, M. et al. Idoso on-line: tecnologia como recurso para a aprendizagem ao longo da vida. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 25, ed. esp., p. 45-61, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/118156/64386>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- CHEN, Y. R.; SCHULZ, P. J. The effect of information communication technology interventions on reducing social isolation in the elderly: a systematic review. **Journal of Medical Internet Research**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/jmir.4596>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- HO, V.; MERCHANT, R. A. The acceptability of digital technology and tele-exercise in the age of COVID-19: cross-sectional study. **JMIR Aging**, Toronto, v. 5, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/33165>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- HUNSAKER, A.; HARGITTAI, E. Technology, older adult users and assistive devices. **Innovation in Aging**, Oxford, v. 2, supl. 1, p. 167-168, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geroni/igy023.604>. Acesso em: 14 abr. 2026.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. GOMES, Irene; FERREIRA, Igor (ed.). Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **Agência IBGE Notícias**, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION (IBM). **IBM SPSS statistics for windows**: version 20.0. Armonk, NY: IBM, 2011.
- INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION. **Ageing in a digital world**: from vulnerable to valuable. [2026]. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Digital-Inclusion/Pages/ageing-in-a-digital-world/default.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2026.
- INTERNATIONAL TECHNOLOGY EDUCATION ASSOCIATION (ITEA). **Technology for All Americans Project**. [2026]. Disponível em: <https://www.iteea.org/technology-for-all-americans-project>. Acesso em: 8 maio 2026.

LI, S. et al. Associations between health literacy, digital skill, and eHealth literacy among older Chinese adults: a cross-sectional study. **Digital Health**, [S. l.], v. 9, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/20552076231178>. Acesso em: 15 abr. 2026.

MOMANI, A. M. The unified theory of acceptance and use of technology: a new approach in technology acceptance. **International Journal of Sociotechnology and Knowledge Development**, v. 12, n. 3, p. 79-98, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4018/IJSKD.2020070105>. Acesso em: 15 abr. 2026

NERI, A. L. et al. Metodologia e perfil sociodemográfico, cognitivo e de fragilidade de idosos comunitários de sete cidades brasileiras: estudo FIBRA. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 778-792, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2013000400015>. Acesso em: 15 abr. 2026.

OLIVEIRA, E. M. A. et al. Tecnologias digitais x idosos. **Revista Foco**, Curitiba, v. 16, n. 9, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3153>. Acesso em: 15 abr. 2026.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **O papel das tecnologias digitais no envelhecimento e na saúde**. Washington: OPAS, 2023. Disponível em: <https://iris.paho.org/server/api/core/bitstreams/96643a87-16ab-41a1-81dc-d92e3b190b9f/content>. Acesso em: 4 abr. 2026.

RAPSON, T. et al. Identifying skill and usability barriers to digital health tool use among older adult patients in US safety net clinics: mixed methods study. **JMIR Human Factors**, v. 13, e78430, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/78430>. Acesso em: 8 maio 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Advocacy brief: social isolation and loneliness among older people. 2021. Disponível em: <https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/116323b7-0b9d-4c03-802b-741253da4fdb/content>. Acesso em: 10 fev. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Ageing and health**. 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>. Acesso em: 4 abr. 2026.

Submissão: 31/07/2026

Aceite: 12/08/2026

Como citar o artigo:

GIULIANI, Fernanda Nelli Gomes et al. Hábitos de uso e percepção de dispositivos móveis por pessoas idosas. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 31, e 2316-2171, 2026. DOI: 10.22456/2316-2171.157135

idosa com as tecnologias digitais

- 1. Possui celular ou tablet próprio?** () Sim () Não
- 2. Se sim para questão 1: possui Internet no seu celular?**
() Sim () Não
Internet wifi () Sim () Não
Internet 4G – 5G () Sim () Não
- 3. Usou o telefone celular (smartphone) ou tablet nos últimos três meses?** () Sim () Não
- 4. Quais atividades o(a) Sr.(a) realiza pelo celular e/ou tablet?**
() Jogos () Agenda () Alarme () Relógio () Envio de mensagens () Acesso ao banco () Uso de câmera digital
() Procura de informação () Facebook () Comunicação (Skype, Google Meet) () Whatsapp () YouTube () Leitura () E-mail
() Outros. Quais? _____
() Nenhuma. Por quê? _____
- 5. Você consegue acessar o YouTube com facilidade?**
() Sim. () Não
- 6. Assinale com um x as alternativas que o(a) senhor(a) considera verdadeira(s) em relação ao uso do celular. Pode marcar mais de uma se for o caso:**
() Tenho medo de utilizar qualquer dispositivo que seja informatizado.
() Um único aparelho tem muitas funções diferentes e isto dificulta o meu uso.
() Penso que alguns aparelhos eletrônicos não são desenvolvidos pensando no público idoso.
() O idioma dos aparelhos e dos manuais dificulta o meu entendimento.
() Deixo de usar aparelhos eletrônicos por considerá-los complicados e difíceis de serem usados.
() Tenho dificuldade de aprender a utilizar novas funções no celular.
() Reconheço a importância destes aparelhos para a minha vida cotidiana.
() Não tenho motivação em aprender e usar estes aparelhos no meu cotidiano.
() Considero os aparelhos eletrônicos difíceis e complicados de serem utilizados.
- 7. Quanto tempo você fica dedicado ao uso do celular e ou tablet por dia?**
() Até 1 hora () Entre 1 e 2 horas () Acima de 2 horas

Fonte: Autoria própria.